



PRESENTE NATALINO

Eu devia ter uns cinco ou seis anos quando mamãe, com pressa, se esqueceu do ritual do Papai Noel. Aproveitou que era véspera de Natal, que o papai recebera algum dinheiro extra e me levou até um barzinho ao lado do antigo mercado de Mogi. O dono da loja nos atendeu e mostrou as últimas novidades em brinquedos. Um velocípede azul e vermelho faiscava na vitrine. Era o que eu pediria ao Papai Noel. Mas nem precisou. Mamãe pagou e já levou. E, enquanto íamos para casa, já anoitecendo, ela foi me avisando que o brinquedo ia ser dado depois pelo Papai Noel. Levou-me para dormir na casa da minha vó.

Estava difícil entender a história. Mas, pelas tantas da noite, vi minha mãe chegando ao quarto de minha avó, onde eu estava deitado, para colocar o velocípede ao lado da cama. No dia seguinte, eu já poderia brincar com o meu presente, trazido pelo “Papai Noel”. Só que naquela noite, por falta da continuação do ritual, “caiu a ficha”. Eu descobrira que o Papai Noel nem sempre vinha pessoalmente. Usava mães, pais, avós para fazer chegar até nós os brinquedos desejados. Provavelmente estava por trás até mesmo de quem fizera chegar o dinheirinho extra para papai.

Os anos seguintes continuaram me mostrando Papais Noéis com várias caras. Uma vez era minha madrinha trazendo, da fábrica onde trabalhava, um caminhãozinho de lata e uma espingardinha de rolha. Outra vez era minha tia-avó Conceição, mandando castanhas e frutas exóticas para a noite de natal. Os tempos passaram, a infância foi para o lugarzinho especial onde todos a guardamos, mas o velho Papai Noel continuou comparecendo.

Sempre o bom velhinho fazendo de conta que não é ele... mas nos fazendo chegar lembranças gostosas, simples ou sofisticadas, com gosto de Natal. Até

que houve um certo dia, quando minhas filhinhas já tinham chegado, em que tive a revelação: estivera enganado a vida inteira. Está certo que todos tinham me enganado com a melhor das intenções. Mas como é que eu não me dera conta disso?

Foi quando me peguei ajeitando, sorrateiro, os presentes das minhas filhas sob a árvore de Natal. E de novo “caiu a ficha”. Papai Noel era eu, também.

Gustavo Henrique
3º Ano do Médio / Balneário Camboriú
2002